

Resenha do livro “Gestão compartilhada para empreendimentos econômicos solidários”

Marilene Zazula Beatriz¹

O livro *Gestão compartilhada para empreendimentos econômicos solidários* de CARNEIRO, G.; BUENO, G.; GUERGOLETO, G. B.; BERNARDELLI, J. C.; MARCHI, L.; HULYK, L. C.; SILVERIO, M. A.; CARVALHO, M. L.; BEATRIZ, M. Z. e DANIEL, R. foi coletivamente elaborado por educadores/as populares, assistente social, cientista social, trabalhadora de economia solidária, geógrafo, psicólogos do trabalho, administradores e estudantes de graduação e de pós-graduação.

Este livro foi o resultado dos conteúdos, das demandas e das inquietações de trabalhadoras/es da Rede Mandala² que participaram do Curso de Gestão de Empreendimentos de Economia Solidária realizado em 2019, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná-Campus Curitiba. Tal curso foi proposto a partir de uma necessidade concreta: conhecer e utilizar saberes e ferramentas de gestão compartilhada, a fim de promover condições de viabilidade e de sustentabilidade econômica aos empreendimentos.

O *design* gráfico do livro foi discutido de forma autogestionária, como por exemplo, o uso de fotos, desenhos, setas e logomarcas; a escolha do tipo de letra; o debate de cada texto com todos/as autores/as, bem como o ordenamento da apresentação dos mesmos. O livro está organizado por seções temáticas separadas por cores. Cada seção temática é composta de dois a cinco subtemas que podem ser acessados separadamente de acordo com as necessidades do/a leitor/a, conforme demonstrado a seguir:

AGRADECIMENTOS

Seção Temática (Amarelo) APRESENTAÇÃO

- Curso de Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários
- CEFURIA
- TECSOL
- Rede Mandala

Seção Temática (Vermelho) ECONOMIA SOLIDÁRIA

- Economia Solidária e Possibilidades de Formalização
- Princípios da Economia Solidária
- Resgate Histórico, Político e Econômico do Trabalho no Brasil
- História da Organização Política da Economia Solidária no Brasil

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Doutora em Psicologia Social (PUC-SP). marilenezazulabeatriz@gmail.com

² A Rede Mandala é composta por 83 empreendimentos econômicos solidários do campo e da cidade localizados no Paraná, Sul do Brasil.

- Comércio Justo e Solidário e Consumo Responsável

Seção Temática (Verde) - ORGANIZAÇÃO DE UM EMPREENDIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO (EES)

- Potencial Produtivo

- Oratória

- Criatividade: Gerando Novas Ideias Para Nosso Empreendimento!

- Organização e Logística

- Divulgação de Produtos e Serviços na Economia Solidária

Seção Temática (Azul) - DESEMBARALHANDO OS NÚMEROS NO TRABALHO AUTOGESTIONÁRIO

- Matemática Como Parceira da Economia Solidária

- Como Administrar Despesas do EES

- Nosso Trabalho e Autogestão

- Moeda Social e Banco Comunitário

MÍSTICAS E DINÂMICAS DE GRUPO (Amarelo)

- Místicas

- Dinâmicas

ESTE LIVRO FOI CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO TRABALHO DE MUITAS MÃOS e REFERÊNCIAS (Preto)

A primeira parte do livro remete aos agradecimentos a todos/as que contribuíram na construção e na efetivação do curso e do livro. Tem a apresentação de uma poesia chamada Rede Mandala escrita por Gisele Carneiro e Luis Alves Pequeno. A Apresentação – em amarelo – contém histórias sobre a construção do Curso de Gestão de Empreendimentos de Economia Solidária (EES), sobre as Entidades de Apoio e Fomento à Economia Solidária (EAFES) envolvidas nesta construção (Tecsol – Incubadora de Economia Solidária da UTFPR-Curitiba e o CEFURIA) e da Rede Mandala.

A seção temática Economia Solidária, identificada pela cor vermelha, é composta por cinco textos. O primeiro deles foi escrito por Dimas Alcides Gonçalves e Gisele Carneiro sobre as possibilidades de Formalização dos EES problematizando tal questão. Geralmente os EES desenvolvem um percurso organizativo, iniciando como um grupo de trabalho informal podendo ou não se constituir em associação, cooperativa, rede e cadeia produtiva. Alguns trabalhadores relataram suas experiências como integrantes de Associações e de Cooperativas populares. Os autores demonstraram a possibilidade dos empreendimentos econômicos solidários tornarem-se formalizados, levantando pontos favoráveis em cada um deles. Por exemplo, “[...] se as cooperativas e as associações se unem para fortalecer pessoas que estavam sozinhas, as redes fortalecem cooperativas, associações, empreendimentos informações, que estavam sozinhos [...]” (p. 39). No entanto, percebeu-se falta de esclarecimentos quanto ao nível de investimento para cada uma das opções supramencionadas, bem como as respectivas legislações para subsidiarem as decisões dos coletivos de trabalhos informais quanto ao tipo de formalização a ser escolhido.

No segundo texto, os Princípios da Economia Solidária, de autoria de Gisele Carneiro, os mesmos são descritos e correlacionados aos do Regimento Interno da Rede Mandala, incluindo os respectivos *links* de acesso.

Já o Resgate Histórico, Político e Econômico do Trabalho no Brasil, foi escrito por Glicimar Bueno e Marcos Antonio Silverio os quais fundamentam como a história brasileira tem sido marcada pela violência e a exploração do trabalho humano. Este texto inicia-se no ano de 1500 com o descobrimento do Brasil levantando-se a seguinte questão: “[...] *como se descobre algo que já era ocupado por diversos povos?*” (p. 42). Comentam sobre a colonização no Brasil, inicialmente com a escravidão dos indígenas, e a partir de 1538 com as pessoas do continente africano. Seguem para 1822 com a Independência do Brasil alertando que quem a declarou foi “[...] *a princesa regente Leopoldina, na condição de chefe política interina [...]*” (p. 43). Já em 1870 houve a adoção de uma nova política demográfica com os imigrantes europeus vindo a formar o que viria a ser a classe operária brasileira. Em 1888, houve a Lei Áurea sancionada pela Princesa Isabel, porém sem a devida implantação de planos de integração das pessoas libertas à sociedade. Passam também pelos seguintes eventos: Proclamação da República Brasileira, 1ª grande greve de trabalhadoras/as em SP, Era Vargas, Ditadura Militar, Milagre Econômico, volta da democracia e reorganização dos movimentos sociais, globalização, Plano Real, Economia Solidária, governos populares, *Impeachment* da Presidente Dilma Rousseff e os principais retrocessos. Os autores demonstram por meio de textos curtos ligados por setas os principais acontecimentos históricos que “[...] *do descobrimento até a atualidade, as relações capitalistas de trabalho no Brasil sempre foram de forma exploratória e sem respeito à dignidade humana.*” (p. 43). Pontos a serem ressaltados: 1) a visibilidade da mulher na História do Brasil; 2) História do Brasil contada a partir de uma visão crítica e não estanque e neutra como muitas vezes é estudada nas escolas. Um ponto desfavorável é que o leitor pode perder-se facilmente entre as setas e traços que levam aos principais acontecimentos caso não preste a devida atenção.

O texto - História da Organização Política da ES no Brasil - tendo como autora Marilene Zazula Beatriz conta-a por meio da representação de um “varal”, simulando uma linha do tempo. Cada peça de roupa ali pendurada corresponde a um momento histórico da construção coletiva do movimento de ES que buscou por políticas públicas em nível federal, estaduais e municipais. O ponto de partida é na década de 1980 por conta das crises do Petróleo as quais acarretaram alto índice de desemprego no Brasil. Naquela ocasião, iniciaram-se inúmeras mobilizações de pessoas interessadas em se organizar de forma coletiva e autogestionada para gerar trabalho e renda. Para tanto, entidades de apoio como a Cáritas do Brasil e as Incubadoras de Universidades Públicas iniciaram assessoria, apoio e fomento ao que viria a ser chamado mais tarde de Economia Solidária, ainda, sem nenhum apoio do Estado. Com o I Fórum Social Mundial em 2001, iniciou-se um movimento da Economia Solidária em busca de maior espaço no território nacional e nas políticas públicas, com a construção

da Carta de Princípios de Economia Solidária, a criação da Secretaria Nacional (SENAES), do Fórum Nacional de ES (FBES), com a realização de cinco Plenárias e três Conferências Nacionais dentre outros acontecimentos que ocorreram entre 2003 e 2016 até o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff e os retrocessos para o movimento. Ponto favorável deste texto é demonstrar como a Economia Solidária se fortaleceu durante o tempo relativamente curto supramencionado e, da mesma forma, como se fragilizou por não ser considerada uma Política de Estado e sim de Governo.

Já o Comércio Justo e Solidário e Consumo Responsável escrito por Lourdes Marchi, Maria Luisa Carvalho e Romulo Daniel convidam os/as leitores/as a refletir sobre seus hábitos de consumo a partir das questões: como o consumo consome o mundo; se as pessoas sabem a origem dos produtos que compram; se contribuem com o desenvolvimento de seu território na medida em que consomem dos/as trabalhadores/as locais; como o consumo pode reforçar formas de exploração de pessoas e da natureza. Além disso, trouxeram dicas de como podemos ser protagonistas a partir: 1) da organização de grupos de consumo; 2) da troca de bens e de serviços sem o intermédio do dinheiro e 3) de repensar o consumo voltado para a Economia do Necessário.

A seção temática Organização de um EES representada pela cor verde apresenta cinco subtemas que estão diretamente relacionados às realidades de trabalho do artesanato, da alimentação, da saúde e da prestação de serviços. Desta forma, o texto Potencial Produtivo escrito por Julio Cezar Bernardelli e Glicimar Bueno leva o/a leitor/a a identificar seu potencial produtivo por meio dos seguintes questionamentos: o que já fez ou faz ajudando a construir seu *portfólio* de produtos e de serviços; como apresenta o produto e/ou serviço e recebe as avaliações dos/as consumidores/as para subsidiar melhorias dos mesmos; Quanto tempo para confeccionar cada produto; Quanto tempo se trabalha por dia; Qual é o fluxo do processo de produção e como agrega valor ao produto?

O texto Oratória, escrito por Marilene Zazula Beatriz, apresenta técnicas para facilitar a comunicação dos/as trabalhadores/as para divulgarem a história do seu empreendimento, a Economia Solidária e a autogestão. A oratória ou falar com pessoas desconhecidas sobre seu trabalho, seus produtos e a precificação dos mesmos, tem sido uma das principais dificuldades dos/as trabalhadores/as da Economia Solidária, especialmente aqueles/as que não conseguem expor a origem de seu EES, explicar o que vem a ser a Economia Solidária, seus princípios e as principais diferenças com o sistema capitalista de produção, visando esclarecer o público consumidor sobre os motivos para se consumir da mesma.

O texto intitulado Criatividade: gerando novas ideias para nosso empreendimento! foi escrito por Lais Poloni Carvalho e Maria Luisa Carvalho e apresentam o Método *SCAMPER* que tem por objetivo melhorar a criatividade e gerar novas idéias, por meio de um passo a passo bem detalhado. Ao final, fotos de oficinas realizadas com grupos de ES do artesanato e da alimentação são mostradas

para reforçar a idéia de que o próprio EES se aproprie deste método e o adapte a sua realidade para obtenção de novas idéias e produtos.

Da mesma forma o texto - Organização e Logística - de Gustavo Bigetti Guergoletto e Marcos Antonio Silverio demonstram, por meio de sete passos, a importância de se refletir sobre a organização da produção, bem como os demais processos logísticos envolvidos até a exposição dos produtos em feiras e mostras de ES, eventos culturais, além dos espaços virtuais. Acompanham também várias sugestões de fichas para registros e controles que podem ser apropriadas pelos EES de acordo com suas realidades. Importante salientar que a proposta é a de que os EES possam se apropriar das idéias sem, no entanto, que elas encareçam seu processo produtivo, pois as fichas de controle podem ser desenvolvidas a partir de um caderno, evoluindo ou não para um sistema informatizado. Ainda nesta parte do livro tem-se o texto Divulgação de Produtos e Serviços na ES de Lourdes Marchi, Romulo Daniel e Maria Luisa Carvalho cujo objetivo é o de promover a divulgação e a ampliação da comercialização dos produtos e serviços, sem a qual não haveria a geração de trabalho e renda.

A seção temática denominada de Desembaralhando os Números no Trabalho Autogestionário – identificada pela cor azul - é composta por quatro textos relacionados ao uso da matemática. O primeiro, intitulado Matemática como Parceira da Economia Solidária escrita por Gustavo Bigetti Guergoletto, Julio Cezar Bernardelli, Romulo Daniel incentivam o/a leitor/a a relembrar a matemática básica para ajudar a montar uma planilha, um controle de produção, a precificação, dentre outras questões como Administrar Despesas do EES dos mesmos autores, ajudando a entender o que são custos variáveis e fixos, qual o valor do trabalho do/a trabalhador/a, a precificação correta e justa; a sobra financeira; as possíveis economias; o controle de caixa sempre baseados em exemplos concretos de um produto de artesanato ou de alimentos. Ao final, modelos de planilhas são disponibilizados para os EES que podem ser diretamente utilizadas ou adaptadas as suas realidades;

É importante salientar que todos os textos da seção temática azul usaram a moeda social Girassol (já utilizada na Feira Permanente de ES realizada em Curitiba) para exemplificar os cálculos básicos e os preços dos produtos e serviços. O texto Nosso Trabalho e a Autogestão de Glicimar Bueno explica como um EES funciona baseado nos princípios da ES já descrito na parte amarela do livro. O Texto sobre Moeda Social e Banco Comunitário de Maria Luisa Carvalho, esclarece como funciona cada um deles dentro de um bairro, território ou cidade demonstrando as diferenças existentes entre um banco tradicional e um comunitário.

Na parte amarela tem-se a apresentação de várias místicas e dinâmicas que foram utilizadas durante o Curso de Gestão de Empreendimentos de Economia Solidária, as quais podem ser reproduzidas e/ou adequadas em situações semelhantes. Tanto as místicas quanto as dinâmicas foram realizadas por diferentes trabalhadores/as de ES presentes no curso.

A última parte do livro, em cor preta, contém os *minicurriculuns* dos autores e das autoras, bem como as referências utilizadas.

O livro foi diagramado pela estudante de graduação de *Design Gráfico* da Universidade Tecnológica Federal do Paraná-Campus Curitiba – Luciane de Carvalho Hulyk – a qual conseguiu se desprender de seus conhecimentos teóricos fortemente voltados para a lógica capitalista para uma abordagem da Economia Solidária. Sua experiência na construção da obra foi sistematizada e discutida em seu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Tudo isso é Economia Solidária e educação popular. Os princípios fundamentais, como autogestão e diálogo não se limitam à forma como atuamos nos nossos empreendimentos. São valores que permeiam nosso cotidiano e são por nós interiorizados, se transformando em modo de vida.

Veja como partilhar este livro: http://www.cefuria.org.br/files/2020/12/Livro_Gest%C3%A3o-Compartilhada-EES_3.pdf

Referências

CARNEIRO, G.; BUENO, G.; GUERGOLETTTO, G. B.; BERNARDELLI, J. C.; MARCHI, L.; HULYK, L. C.; SILVERIO, M. A.; CARVALHO, M. L.; BEATRIZ, M. Z. e DANIEL, R. **Gestão compartilhada para empreendimentos econômicos solidários**. Curitiba: Cefuria, 2020. Disponível em: http://www.cefuria.org.br/files/2020/12/Livro_Gest%C3%A3o-Compartilhada-EES_3.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63ª Ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2017. 253 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 48ª Ed. SP: Paz e Terra, 2020. 189 p.